

## LETRAMENTO E INFÂNCIA *QUEER*

Alisson Pinto Lima<sup>1</sup>

*Resumo:* A pesquisa em voga objetiva investigar a infância *Queer* e os diferentes cenários do letramento que envolvam esses sujeitos. Considerando a relação da escola na perspectiva heteronormativa do letramento, a discussão reflete a construção da infância em sala de aula e os conflitos acerca das sexualidades e dos gêneros, baseado na observação identitária e social da criança e visualizando o processo de reafirmação das hegemonias e discursos de dominação. Fundamentado na pesquisa bibliográfica, a temática escolhida foi desenvolvida a partir do contato com livros, artigos científicos e materiais acadêmicos a fim de contribuir com a produção e como aporte teórico, foram utilizadas leituras de Louro (2004), Kleiman (2003) e Miskolci (2013) ponderando as representações das sexualidades em sala de aula e as perspectivas de letramento à luz da teoria *Queer*. Nas considerações, foi discutido sobre as políticas de escolarização, o letramento escolar e o movimento *Queer* no âmbito da sala de aula, bem como a cultura da padronização, normatização e discursos dominantes, deixando inconcluso o debate.

*Palavras-Chave:* Infância. *Queer*. Letramento. Sexualidades.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, Campus II/Alagoinhas, sob a orientação da Professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz, Líder do Grupo de Pesquisa (GEREL) Grupo de Estudos em Resiliência Educação e Linguagens. Endereço eletrônico: otnipossilima@gmail.com.

## LITERACY AND QUEER CHILDHOOD

*Abstract:* The research in vogue aims to investigate the *Queer* childhood and the different scenarios of literacy that involve these subjects. Considering the relationship of school in the heteronormative perspective of literacy, the discussion reflects on the construction of childhood in the classroom and conflicts about sexualities and genders, based on the identity and social observation of the child and visualizing the process of reaffirmation of hegemonies and discourses of domination. Centered on bibliographic research, the chosen theme was developed from contact with books, scientific articles and academic materials in order to contribute to the production and as a theoretical contribution, literacies of Louro (2004), Kleiman (2003) and Miskolci (2013) were elicited on, pondering the representations of sexualities in the classroom and literacy perspectives in the light of *queer* theory. Bearing in mind, it was discussed about schooling policies, school literacy and the *Queer* movement within the classroom, as well as the culture of standardization and dominant discourses, leaving the debate inconclusive.

*Keywords:* Childhood. *Queer*. Literacy. Sexualities.

### Introdução

Pensando as práticas de letramento e as políticas de normatização da escola — como a reafirmação da linguagem pertinente a binaridade de gênero e o currículo com a sua normalização biopolítica para o Estado (MISKOLCI, 2013) — e a relação com o universo *Queer* e todas as problematizações que o pós-estruturalismo apresenta para a contemporaneidade, o presente artigo se propõe a uma discussão que compreenda os corpos infantis no universo escolar e simultaneamente legitime suas atitudes, ações, comportamentos e

posturas, viabilizando seu letramento subversivo, a partir das suas relações interpessoais, suas experiências, seu empoderamento e suas desconstruções.

Partindo da pergunta problema que indagava como o estudante *Queer* é construído discursivamente nas técnicas de letramento no ambiente educacional, o trabalho se debruçou sobre este público a partir de uma pesquisa bibliográfica, revisitando teóricos e estudiosos e se apropriando das informações e conteúdo que pudesse enriquecer a investigação. Desta forma, o trabalho fez uso de livros, artigos científicos e produções acadêmicas como aporte teórico para pesquisa, seguido por uma abordagem qualitativa que fosse capaz de compreender os fatores sociais e culturais da análise.

Dividido em dois tópicos, a produção delimitou num primeiro momento, o letramento e as práticas normalizadas e no segundo tópico respectivamente, a pedagogia *Queer* e as identidades da infância. Na sequência, sem fechar a discussão, as considerações, problematizou à luz dos teóricos, fomentando para o campo da escola, para o currículo e a para a sala de aula, outros saberes, diálogos, identidades, gêneros e sexualidades.

No primeiro tópico, o letramento é apresentado como uma possibilidade de desenvolver uma escola inclusiva e sem padrões pré-estabelecidos. É a partir da quebra das políticas normalizadoras e das práticas heteronormativas que se apontam outros aspectos capazes de mediar as mais variadas experiências da realidade do ambiente escolar. Valorizar as subjetividades e dar voz aos partícipes da educação faz parte da natureza do currículo da escola viva, que se preocupa com seus personagens e com as identidades que nela se apresenta.

Em seguida, o segundo tópico discute a pedagogia *Queer* e a infância, pensando novas estratégias e métodos pedagógicos que estejam em contraste com as políticas edu-

cacional normatizadora. Difundir a teoria *Queer* no âmbito escolar de forma mais efetiva no currículo é dar visibilidade aos corpos, as vozes, as identidades e as diversidades culturais e sexuais presentes no interior da escola. Trazendo para o mundo infantil, o confronto acontece quando a criança é percebida como um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto (PRECIADO, 2014), nesse sentido, *Queer* torna-se a quebra dos padrões, das hegemonias e das padronizações.

Considerar os corpos, as aparências, as identidades e as subjetividades da infância é viabilizar uma reflexão à luz da teoria *Queer*, em contraposição com as imposições heteronormativas e as práticas de letramentos escolares que inibem vontades, anseios, gostos, diálogos e experiências do sujeito.

## **O letramento e as práticas normalizadoras**

Usado como produto cultural e social para a aquisição da língua escrita e das experiências adquiridas ao longo da trajetória do educando, o letramento é a ferramenta educacional usada para dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem. “É complexo, envolvendo muito mais do que uma habilidade ou uma competência do sujeito que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos para mobilizar essas capacidades, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura” (KLEIMAN, 2005, p. 18).

A partir das práticas normalizadoras da educação e considerando a reflexão sob a ótica do letramento escolar é possível inferir que a escola mesmo depois de tantos avanços no campo das políticas de escolarização e letramentos ainda se mantenha distante da construção de diversidade em torno dessa temática, silenciando corpos, vozes, identidades e subjetividades. Observando o que aponta o “sistema” e os discursos de dominação na educação, o ambiente escolar é pre-

cário e pouco democrático com quem pensa e se comporta contrário a discussão de gênero e sexualidade.

Suas escolhas, suas formas e seu destino passam a marcar a fronteira e o limite, indicam o espaço que não deve ser atravessado. Mas que isso, ao ousarem se construir como sujeitos de gêneros e sexualidade precisamente nesses espaços, na resistência e na subversão das “normas regulatórias”, eles e elas parecem expor, com mais clareza e evidência, como essas normas são feitas e mantidas (LOURO, 2016, p. 18).

Pensadas e estruturadas para regulamentar comportamentos, posturas, falas e ideias, as normas se apresentam como o jeito correto de fazer educação, organizadas de forma a legitimar os discursos de dominação, a docilização dos corpos, a binaridade de gênero e o silenciamento das minorias, a partir da hegemonia social. “A escola foi durante muito tempo um local de normalização, um grande veículo de normalização estatal” (MISKOLCI, 2013, p. 37).

É diante dessa conjuntura socioeducacional, organizada pelo “sistema” e pelo poder do estado, que acontece o letramento escolar, priorizando conexões dos saberes entre os estudantes, pautadas nas regras e normas heteronormativas. Assim, “o trabalho escolar torna-se sinônimo de tortura, eliminando o gozo, quando o conteúdo se constitui de noções vazias que não contribuem para o seu desenvolvimento” (KLEIMAN, 1999, p. 35).

Partindo das noções de letramento, é possível inferir que a relação com a sociedade e a experiência de mundo são pontos importantes para a construção dos saberes e as escolhas socioculturais. “Construímos o mundo e as pessoas nas circunstâncias culturais e históricas nas quais estamos situados [...]” (MOITA LOPES, 2006, p. 93). É necessário ir além dos conteúdos e práticas e métodos pedagógicos, sair dos materiais didáticos ultrapassados e percorrer o universo plu-

ral e multifacetado encontrado na sala de aula. Cada criança é um universo de possibilidades e a partir de cada uma delas, o letramento acontece de diferentes formas.

Vale considerar, que existe um preço para os estudantes que subvertem as noções de normatividade e regulamentação. Segundo Kleiman (1999, p. 34),

o aluno tem que obedecer às regras de comportamento criadas por adultos que se supõem portadores do “modelo ideal”, regras essas que alienam sua natureza (colocam-no numa camisa de força), condenam-no à passividade e concordância e separam-no dos seus pares (os alunos não podem conversar entre si, raramente podem trabalhar em equipe)

Nas salas de aulas da pequena infância, esse processo é potencializado pelos regentes que em sua grande maioria se utilizam de sua autoridade para coibir posturas e trejeitos que não correspondem com suas crenças, com o que eles legitimam ou até mesmo acham correto. Além de todos os discursos, posturas e falas dos educadores, a organização do ambiente escolar acentua a normatividade e as práticas educacionais normalizadoras.

O espaço da sala, a forma das mesas, o arranjo dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças (FOUCAULT, 1988, p. 30).

A escola é um espaço que fala em todos os lugares, nas mobílias, na organização dos ambientes, nos conteúdos, na estrutura do currículo e nos itinerários formativos. Nesse sentido, a subversão dos corpos e nos trejeitos daqueles que são contrários as normas e regras impostas pelo sistema também surgem de forma natural.

É possível dizer que o letramento escolar e a normatização da educação caminham juntas, afinal o processo de ensino e aprendizagem depende da organização e da estruturação do ensino no ambiente escolar para acontecer. A dissociação dessas duas ferramentas vai acontecer mediante a emancipação do educando, quando a partir da tomada de consciência o sujeito começa a construir suas conexões de saberes e romper com a cultura do certo ou errado.

Portanto, destaca-se que se tratando de uma discussão que tem como base o letramento, a normatização e as relações infantis com esse ambiente educacional, o tópico entrelaça os assuntos apontando os impactos do letramento escolar e os desafios de fazer conexões profundas com o conhecimento, a partir de tantas normas e regras ditadas aos sujeitos, desde as suas relações interpessoais aos conteúdos e estruturas da aprendizagem apresentadas pela escola.

### **A pedagogia *queer* e a infância**

A partir da compreensão do letramento e suas implicações para a construção da identidade *Queer* na sala de aula e nos variados espaços educacionais da infância, a pesquisa se enveredou afim de também investigar “o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais” (LIBÂNEO, 2001, p. 6), ou seja, a pedagogia, com enfoque no movimento *Queer*.

A escola como um instrumento social, está para além de um lugar que ensina conteúdos e prepara seu alunado para os resultados e/ou a carreira acadêmica. Por se tratar de um ambiente que acima de tudo deveria promover a garantia de direitos, as unidades educacionais são para seus estudantes, a possibilidade de uma vida melhor, justa, digna e plena

de direito, sobretudo para aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social e financeira.

Porém, servindo aos interesses do estado, a escola perde posição naquilo que deveria ser essencial para o processo emancipatório e educacional dos sujeitos, submetendo-se as práticas normalizadoras que contribuem com visões heteronormativas e negacionistas da diversidade. “As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquia e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais” (BENTO, 2011, p. 553).

À de luz de Bento (2011, p. 555-556),

Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social.

É nesse terreno de produção de docilização de corpos que a pedagogia *Queer* se encontra, buscando outros processos e métodos pedagógicos que subvertam a normatividade no ensino na sala de aula. O movimento *Queer* aliado a pedagogia pensa em todos, sem distinção de gênero, sexualidade, orientação ou qualquer outra diferença silenciada pela sociedade/escola. Sobre isso adverte, Louro (2016, p. 50)

Para uma pedagogia e um currículo *queer* não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados. Tornando evidente a heteronormatividade, demonstrando o quanto é

necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias, a fim de garantir a identidade sexual legitimada.

O universo *Queer* propõem a crítica, a oposição, a subversão, não como uma tentativa de tumultuar os campos e espaços escolares, mas com o intuito de reparar as injustiças legitimadas pela escola e como forma de dar visibilidade a outros corpos e gentes que foram silenciados ao longo da história. O estranho, raro, esquisito, sujeito *Queer* (LOURO, 2016), quer ser visto, lembrado e percebido nos espaços, através dos seus pares, da representatividade, da aceitação e da abertura para a discussão nos percursos e itinerários formativos da escola.

A criança como cerne dessa discussão, constrói sua identidade e suas reflexões a partir da prática cotidiana na escola, por isso deve ser ouvida, sentida e considerada nas rodas de conversas, na sala de aula e nos espaços comuns a todos. Segundo Miskolci (2013, p. 39) “o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo abjeto.” É nesse sentido, que muitas vezes a criança que fere os “padrões morais” é silenciada e contida e comumente vista como aberrações que precisam aprender a se comportar, como se observa no caso dos meninos afeminados e meninas masculinizadas.

É partindo dessa ponderação sobre os padrões morais que Miskolci (2013, p. 44) infere,

De certa maneira, um olhar *queer* é um olhar um insubordinado. É uma perspectiva menos afeita ao poder, ao dominante, ao hegemônico, e mais comprometida com os sem poder, dominados, ou melhor, subalternizados. Na esfera da sexualidade e do desejo, a maior parte do que é reconhecido socialmente como discurso autorizado a falar é produzido dentro de uma epistemologia dominante, criada sob essa suposta “cientificidade” que pouco difere de um compromisso com a ordem e o poder.

Daí o caráter normalizador nas abordagens pedagógicas que adotam a perspectiva da saúde pública para falar de sexualidade. Infelizmente, na maioria dos casos, essa abordagem tende associar sexualidade com doença, com ameaça coletiva, o que reforça padrões morais antiquados, mas poderosos.

Com a influência dos estudos *Queer*, advindos dos anos 1960, a pedagogia *Queer* vai ganhando força e mudando no interior da escola concepções e aspectos que por muitos anos foram conservados, hoje a problematização do ensino, a crítica as práticas normalizadoras e os questionamentos ao currículo são movimentos cada vez mais frequente na educação.

Ademais, foi considerado a influência da pedagogia *Queer* na educação, sobretudo na sala de aula e como conversa com a teoria *Queer*, olhando para as práticas normalizadoras que até hoje permeiam o chão da escola e silenciam corpos, identidades e subjetividades dos sujeitos.

## Considerações

Buscando debater e discutir acerca das motivações primárias que suscitaram a origem da discussão desta produção, a pesquisa procurou um caminho pouco estudado e com diversas lacunas a serem preenchidas. Assim, através da pesquisa bibliográfica e à luz do que dizem os teóricos e estudiosos, o debate buscou responder os apontamentos abordados.

A pesquisa bibliográfica aconteceu em fontes como artigos, livros e produções científicas da área estudada. Nesse sentido, o pesquisador tomou o material já existente para se basear, considerando a abordagem qualitativa e as indagações, estudos e pesquisas, relacionando com o que já tinha sido produzido no campo pesquisado.

Deste modo, Lakatos e Marconi (2003, p. 155) inferem que, “[...] a pesquisa, portanto, é um procedimento formal,

com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. No campo pós-estruturalista onde está situado a pesquisa da teoria *Queer*, vale destacar a importância do que as autoras evidenciam como um processo de constituição de caminho para a realidade, uma vez que a temática escolhida é por vezes silenciada e/ou inexplorada pelas sociedades.

Para ajudar as responder as dúvidas que foram surgindo ao longo da pesquisa sobre a pedagogia e o currículo, Louro adverte que (2016, p. 49-50),

Estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o “outro” é construído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, interagindo e constituindo o eu.

Se faz necessário e urgente abrir as portas para todas as discussões que vão se apontando ao longo da história. O mundo contemporâneo abre os olhos dessa geração para a diversidade e todo o movimento nascente de aceitação ao outro tal como ele é. A escola como lugar de direito subjetivo de todo ser humano, precisa avançar no debate de gênero, sexualidade e teoria *Queer*. Entender que a história é marcada de pessoas multifacetadas que foram duramente silenciadas por serem diferentes.

O letramento escolar não pode ser considerado como a única forma de letrar o estudante. Os sujeitos recebidos pela escola, chegam dotados de conhecimentos e saberes que precisam ser considerados por seus mediadores das aprendizagens e pares. Considerar o letramento *Queer*, deve ser tão

natural quanto, todos os processos legitimados pela escola e todo regime educativo.

Para Fioravante, Schmidt (2017, p. 10) existe a representação desse novo sujeito, que aqui foi denominado como *Queer* e que busca garantir seu espaço na sociedade, sem a necessidade ser enquadrado ou encaixado em um espaço normativo. “O novo que o sujeito infantil representa não deve significar medo, mas uma transformação, uma transformação necessária. Se isto significa imaginar um mundo livre das imposições do gênero, que olhemos para estas mudanças como positivas”.

Reconhecer a existência desse sujeito diferente, exótico, estranho e fora dos padrões é confrontar as formas discursivas de ler essa nova infância e afirmar seu lugar e seu espaço nas sociedades.

Crianças trans, não normativas, *queer* existem. Nem todas as crianças irão se sentir representadas pelos gêneros atribuídos desde seu nascimento, nem todo menino que preferir rosa e brincar de boneca será gay ou trans, bem como nem toda menina que preferir cabelo curto e jogar futebol deseja ser um homem, mas essa possibilidade pode acontecer. Os estudos *queer* de Judith Butler nos ajudaram a compreender que o gênero não pode ser algo dogmático, imutável, e sim algo fluído e performático, passível de transformações durante toda a vida. A heteronormatividade compulsória existente na sociedade tenta imbuir práticas e discursos de gênero em todos os indivíduos a partir de marcadores sociais e físicos, ao mesmo tempo em que cria espaços para criação de corpos não ajustados à estas normas (SILVA, 2019, p. 94).

Silva, alerta sobre a importância de evidenciar esses sujeitos, suas vontades, gostos etc. Pensar que a possibilidade da criança *Queer* é real e existe em toda conjuntura familiar é entender esse universo multifacetado que se apresenta

todos os dias. Não se pode mais haver espaços para discursos de dominação, relações de poder baseadas na subalternização dos corpos infantis.

Ademais, criança é criança independentemente de como é vista e como se comporta, precisa ser considerada e valorizada como sujeito humano. Os movimentos e teorias, ajudam a criar e garantir espaços de valorização e cuidado para todos, independentemente de suas diferenças. A pesquisa segue inconclusa, olhando para a escola e refletindo a partir dos letramentos, formas e possibilidades que legitimem o sujeito *Queer*, embora o sistema seja duro e mais forte do que os movimentos.

## Referências

PRECIADO, Paul Beatriz. Quem defende a criança *queer*? *Revista Gení*, n. 16, p. 1-9, 2014.

FIORAVANTE, Tiago; SCHMIDT, Saraí. Um estudo sobre a criança *queer* na mídia brasileira. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2017.

SILVA, Bianca Neves Borges da. *Uma criança como outra qualquer? A criança transexual em diálogo com a Teoria Queer*. Orientador: Prof. Dra. Andrea Braga Moruzzi. 2019. 120 p. *Dissertação (Mestrado Educação)* — Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2019.

BRAYER, Jocieli Bezerra; BECK, Dinah Quesada. Gênero e fabricação de corpos infantis: as representações presentes em canais de marcas infantis no youtube. *VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Set. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: editora Atlas, 2003.

MONTEIRO, Maria Clara. A construção social de gênero para crianças através do youtube. *REVISTA SOCIAIS & HUMANAS*, v. 33, n. 2, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo estranho — Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso "ensinar" o letramento?* Cefiel / IEL/ Unicamp, 2005.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; UFPO — Universidade Federal de Ouro Preto, 2013.

KLEIMAN, Ângela B. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola* / Ângela B. Kleiman, Silva e. Moraes. — Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. — (Coleção Ideias Sobre Linguagem).

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidade Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. 1 reimpressão, Campinas, SP: Mercado Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar em Revista* — Editora da UFPR, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz diferença. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 2, p. 549-559, mai-ago, 2011.

[Recebido: 30 set. 2021 — Aceito: 6 nov. 2021]